

METODOLOGIA EM AÇÃO: A IMPORTÂNCIA DE SE APREENDER INVISIBILIDADES NOS ASSENTAMENTOS RURAIS

Henrique Carmona Duval¹

Vera Lúcia Silveira Botta Ferrante²

Resumo: O presente artigo é focado na construção metodológica para a investigação de práticas de autoconsumo alimentar, empregada durante pesquisa de mestrado, no assentamento Monte Alegre, na região de Araraquara/SP. A produção do autoconsumo está intimamente ligada a formas de reprodução social de famílias assentadas, mas sua avaliação além da dimensão econômica ainda está repleta de invisibilidades. Por isso, priorizou-se a realização de uma pesquisa qualitativa que permitiu avaliar dimensões materiais e simbólicas do autoconsumo. As técnicas de pesquisa utilizadas foram a observação direta, o registro etnográfico por meio do diário de campo, aplicação de um questionário semi-estruturado para abordar as hipóteses centrais da investigação, registro fotográfico, coleta de desenhos dos lotes e cardápios de uma semana das famílias. Com isso, foi possível realizar uma análise integrada dos sistemas agrícolas, do trabalho e do prato de comida das famílias assentadas.

Palavras-chave: Antropologia Rural; Pesquisa Qualitativa; Autoconsumo.

Abstract: *This article focuses on the methodology applied to the investigation of food handling practices and consumption, which was used for Masters Research program in the settlement Monte Alegre, in the region of Araraquara, SP. The self-sufficiency ratio of domestic production to*

¹Doutorando em Ciências Sociais, IFCH/UNICAMP. Pesquisador do Núcleo de Pesquisa e Documentação Rural (Nupedor – UNIARA/UNESP).

²Pesquisadora 1A CNPq, coordenadora do PPG em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente – Uniara e do Nupedor.

consumption is closely linked to the social reproduction of settled family farms, but its assessment goes beyond the economic dimension and also there are plenty of invisibilities. Therefore, we have carried out a qualitative study that allowed an evaluation of the material and symbolic dimensions of consumption. The techniques used herein were based on direct observation, ethnographic records transcribing field diaries, semi-structured questionnaire to test the hypothesis and address the central research questions, photographic documentation, and collection of drawings of the plots and weekly menu for a family. Thus, an integrated analysis of farming systems, family labor, and the main daily meal of settled families was performed using data collected through this research.

Keywords: *Rural Anthropology; Qualitative Research; Consumption.*

Introdução

O presente artigo descreve a construção metodológica que se fez necessária para a investigação das práticas de autoconsumo alimentar em um assentamento rural, durante pesquisa de mestrado³. Por isso, não trazemos aqui os resultados da pesquisa em si, mas a própria metodologia pela qual foi feita uma avaliação qualitativa de um dos aspectos relevantes do modo de vida nos assentamentos de reforma agrária, que é a produção do autoconsumo alimentar.

Geralmente "invisíveis" em pesquisas empenhadas em quantificar a produção nos assentamentos rurais, as práticas de autoconsumo advém de um arcabouço cultural importante de ser apreendido, mas difícil de ser mensurado por meio de indicadores. Uma das hipóteses centrais colocadas no estudo é que a partir do autoconsumo aparecem potencialidades e vocações ao desenvolvimento das famílias assentadas, tanto de um ponto de vista do crescimento econômico como do bem-estar das pessoas. Na região de Araraquara/SP, tem sido observado que uma parte do abastecimento de programas municipais de segurança alimentar, como o PAA (Programa de Aquisição de Alimentos) e a merenda escolar, é realizada por famílias assentadas que escoam o excedente de seus alimentos via executivo municipal.

³DUVAL, H.C. **Da Terra ao Prato**: um estudo das práticas de autoconsumo em um assentamento rural. Dissertação (Mestrado em Agroecologia e Desenvolvimento Rural). UFSCar, Araras, 2009.

No entanto, para reter a discussão do presente artigo na metodologia empregada durante o mestrado, na primeira parte do artigo fazemos uma breve revisão bibliográfica com alguns autores referenciais para a investigação sobre o modo de vida e, principalmente, sobre práticas alimentares no meio rural. Por meio deles vem à tona a importância do olhar e do registro etnográfico. Depois, passamos a descrever técnicas de pesquisa que julgamos condizentes com essa proposta qualitativa de pesquisa: a montagem de diários de campo (que podem vir acompanhados pelo registro fotográfico), os questionários semi-estruturados, os desenhos/mapas e os cardápios. Como afirmado antes, o artigo não apresenta e discute os resultados da pesquisa sobre o autoconsumo. Os materiais apresentados aqui dão pistas sobre a complexidade da pesquisa e apontam para a necessidade de se apreender invisibilidades ligadas ao modo de vida nos assentamentos rurais.

A importância do olhar etnográfico sobre a agricultura familiar

Na literatura de estudos sobre grupos rurais nota-se a grande importância das técnicas de pesquisa etnográficas. Elas figuram dentre estratégias de pesquisa pelas quais busca-se penetrar mais a fundo na compreensão da realidade, por meio da investigação relativa a contextos locais.

Segundo Fonseca (2000), a obtenção desse tipo de material etnográfico ocorre durante conversas de várias horas, ou mesmo dias, nas quais o entrevistado fala do seu cotidiano e o pesquisador está atento para compreendê-lo, captá-lo e descrevê-lo. Para essa autora, em tal trabalho se faz essencial a busca por reconstruir categorias analíticas "alternativas de vida social que fogem da lógica prevista e previsível da modernidade" (p.7). Para tanto, o principal método de pesquisa é descritivo. A observação direta, ou *estar* em campo, resulta nas impressões apreendidas para tal reconstrução, que também é baseada no olhar do pesquisador e no recorte teórico pré-estabelecido.

Todo o "perder tempo", quando se está em campo, é relativo a ouvir e buscar compreender o que é a categoria analítica que se constrói. O trabalho de campo é um momento essencial nesta construção, para se apreender com o sujeito pesquisado sua lógica particular num meio capitalista, no qual o pesquisador também está inserido.

Todo o conhecimento prévio sobre a realidade estudada auxilia no trabalho de campo. Conforme formulou Garcia Jr. (1983), sobre suas pesquisas de campo: "A qualidade dos dados não depende de maior realização de entrevistas (...) formular questões relevantes dependia do conhecimento que pudéssemos adquirir

sobre esta vida" (p.13). Além disto, fica a impressão de que a qualidade dos dados depende muito da confiabilidade que o pesquisador adquire junto aos sujeitos, que também é conquistado quando o pesquisador demonstra conhecer a realidade vivida pelos sujeitos.

O trabalho de campo é essencial no sentido de captar o cotidiano, sendo necessário antes conhecer e posteriormente ouvir a lógica da família rural por ela mesma. Igualmente importante foi a constatação do retorno, ou seja, a re-entrevista, para mais conversas. Após entrevistas iniciais, os assentados demonstram reflexões sobre as questões abordadas anteriormente e voltavam a elas em outros momentos, quando retornamos ao lote. Esse também deriva de um fator de fortalecimento da confiança no pesquisador, percebido então como aquele que vem da cidade e tem interesse em acompanhar a realidade da vida ali enfrentada, que faz visitas para saber como estão as coisas na família e na comunidade⁴.

Para Whitaker (2002), os pesquisadores que se aventuram a estudar o homem que vive no campo devem, antes de qualquer coisa, cuidar de quebrar seus preconceitos contra esse espaço rural. O "atraso" que o modo de vida ali possa representar aos olhos de alguém que vive no ritmo frenético dos centros urbanos obstaculariza sua compreensão, ainda se compreendemos a dinâmica desse rural modernizado. Na hora do trabalho de campo, a maneira pela qual percebemos as coisas pode criar miopias sobre vários aspectos, por exemplo, as percepções alheias acerca da natureza: quando se vive em meio urbano, pode-se ter outra concepção de natureza, diferente daquela das pessoas que vivem no meio rural. Há, de fato, uma grande diferença no cotidiano de quem vive na cidade ou no assentamento, com relação ao uso e percepção sobre recursos naturais (como os rios, a terra, fauna e flora nativas etc.), ou com relação ao descarte de lixo. Trata-se de ambientes cuja tecnificação não se mostra de forma tão evidente, como nos centros urbanos cobertos de asfalto e concreto - dois dos principais exemplos de recursos da base física (ou da natureza) transformados pela técnica, a ponto de não mais enxergar-se o recurso por trás da técnica. Além disso, ali não há tamanha densidade demográfica, a

⁴No caso da presente pesquisa, isto foi estimulado pelo fato de fazer parte das técnicas de pesquisa a solicitação ao agricultor da elaboração de desenhos do lote e cardápios da família, que foram buscados posteriormente.

ponto de percebemos a artificialização da natureza⁵.

Nesse sentido, os dados de campo valem muito para a pesquisa quando se leva em conta a alteridade: quando o pesquisador busca compreender o outro como alguém que está no mundo diferentemente dele e de outras formas já pré-concebidas. Trata-se sempre do esforço de compreender outro modo de ver e de estar no mundo. No caso da presente pesquisa, tem-se em vista especialmente a relação do outro com seu alimento, da família que volta a morar num sítio e que volta a ter contato intenso com a natureza e que planta, colhe e prepara sua alimentação. Para Baraona (1994), é importante ao pesquisador (e diríamos também ao extensionista) procurar entender o agricultor "por dentro", ou seja, a partir das formas de pensar e agir que ele tem em seu meio. Suas representações e práticas ambientais se definem intensas porque a preservação da natureza lhes garante sobrevivência e complementaridade. No caso dos assentados rurais, voltar à terra significa restabelecer relações de trocas com a natureza.

Se em um trabalho antropológico ocorre a busca por compreender modos de vida que fogem às formas previstas na construção social moderna, procurando captar "algo da experiência das pessoas" (FONSECA, 2000), procura-se ir além das falas e chegar-se às práticas sociais. Assim é que o estudo passa de um mero esforço descritivo e adquire sentido sociológico, de análise sobre o funcionamento desse tipo de agrupamento rural em seu meio social. São analisados, também, outros aspectos baseados nas relações com o entorno econômico e nas relações travadas com outros agentes sociais. Mesmo tratando-se de um tipo de organização social cuja lógica de funcionamento não é baseada exclusivamente em relações capitalistas, esses grupos nunca estão isolados de

⁵Isso não livra os espaços rurais da racionalidade baseada na técnica, assim como concebe Santos (1998). Para autores que evitam a separação dos espaços em rurais e urbanos, acredita-se que ambos fazem parte de um mesmo tecido social sujeito a sofrer novas imposições desta racionalidade. No assentamento rural, por exemplo, isto está presente no entorno e nos próprios lotes cobertos de cana agroindustrial, bem como numa agricultura praticada com base nas técnicas da Revolução Verde e seus avanços, com fins de abastecer, em escala, as usinas de álcool e açúcar e o próprio mercado consumidor urbano. Na sociedade esta nova racionalidade se expressa também nos valores sociais, nos componentes que movem os sujeitos no espaço social, sejam rurais ou urbanos. Assim, a renda proveniente da cana ou de outros produtos mais especializados pode gerar uma frágil segurança ao assentado rural, mas lhe cria outros problemas.

relações outras com o sistema capitalista, imbuído de uma racionalidade que tem por base a técnica.

O método etnográfico recebe críticas por ser particularista e possivelmente determinar algo que está fora do tempo e do espaço, mas se apresenta como um resquício anacronicamente oposto à tendência da cultura globalizada (FONSECA, 2000)⁶. Somado à análise das relações travadas em outras esferas sociais e junto a outros agentes sociais, com os quais os sujeitos pesquisados se relacionam, a tendência metodológica sobre assentamentos seguida aqui é a da compreensão de que nesses espaços ocorre uma singular reconstrução de modos de vida (FERRANTE, 1994). Uma reconstrução que certamente tem base nas experiências pretéritas das pessoas enquanto agricultoras, mas também na influência exercida pelas novas condições históricas e a pressão dos agentes externos aos assentados, que os empurram para tal racionalidade baseada na técnica. Cada assentamento tem uma construção específica, conforme vários fatores como a região onde está, a especificidade da luta pela terra e, para aumentar o caleidoscópio das singularidades, os assentados têm origens e trajetórias igualmente singulares quando olhamos para os aspectos microsociológicos de suas histórias de vida.

Portanto, nessa metodologia qualitativa que busca compreender tal construção, se privilegia além dos dados mais gerais, a pesquisa do cotidiano num grupo que não precisa ser estatisticamente grande, na qual se valorizam os esforços para obter dados com técnicas etnográficas, intensa observação e vigilância epistemológica (WHITAKER, 2002). A descrição da história e dos aspectos de vida de uma família, ou de um grupo de famílias que vive de forma mais ou menos homogênea, sob condições pré-determinadas e que desenvolve maneiras específicas de enfrentá-las, pode trazer à tona dados relevantes para compreender aspectos mais gerais do grupo como um todo. Assim, Antônio Cândido (1979) expõe que ao se referir ao "caipira" que responde diretamente às questões de sua pesquisa, está se referindo ao grupo do qual ele faz parte. Isso porque ele identificou, dentre as pessoas da comunidade que investigou, práticas alimentares e agrícolas semelhantes, trabalho em cooperação como os mutirões e escambos, padrões de sociabilidade e reciprocidades comunitárias, realização de festas, dentre outros aspectos.

⁶Tem sido aplicado não só em estudos rurais, mas também em estudos sobre a formação de bairros urbanos e ambientes corporativos.

O diário de campo como fonte de dados qualitativos

A técnica de pesquisa que possibilitou, no presente trabalho, a obtenção dos dados etnográficos é comumente chamada Diário de Campo. Na verdade é um pequeno caderno de bolso comum, que nos acompanha no trabalho de campo e no qual são registradas passagens das visitas às famílias assentadas rurais. Neste diário são colocadas rapidamente as passagens de uma visita a uma família, de forma que tais registros possibilitem, em momentos posteriores ao trabalho de campo, o rememorar as situações, quando passamos a descrevê-las com mais detalhes e a ligá-las a outros fatos.

Esta montagem convencionou-se chamar em nosso grupo de pesquisa de Cadernos de Campo, como um produto final de um dia de trabalho de campo no qual todo grupo participa e discute do planejamento à coleta das informações. Conforme expresso em Whitaker (2002) e em Ferrante (2004a), além de outros artigos publicados na revista Retratos de Assentamentos, na trajetória de pesquisa do Nupedor esta técnica sempre foi priorizada para a coleta de informações e já permitiu que bolsistas fizessem seus registros de forma associada a poesias, desenhos, fotos e vídeos.

Muito utilizado por pesquisadores, principalmente no campo da Antropologia, o diário de campo pode ser útil para ilustrar passagens de textos com referências empíricas claras sobre aquilo que se estuda, como também pode ser um meio de se fazer registros sobre os objetos de estudo, em momentos em que não necessariamente se está em campo (momentos em que a memória sobre aquilo é ativada). O pesquisador, tal como o artista, nunca deixa de o ser mesmo quando não está exercendo propriamente seu trabalho. Ele leva consigo algo no qual pode registrar seus *insights*, nos lugares e situações menos esperadas.

Tomando como exemplo uma passagem de Brandão (1982), em uma de suas viagens de avião, o pesquisador teceu comentários que ligavam fatos vivenciados no momento da viagem ao que estudava em terra firme, a seu ofício, levando-o a reflexões sobre sua própria vida. Esse autor, em seu livro sobre diário de campo, faz seus registros sob a forma de alegoria, fazendo poemas em série sobre determinado assunto. Percebe-se que cada série leva um título que representa um tema sobre o qual se relaciona uma série de poemas, cada qual também identificado com um título. O autor começa, antes do título do poema, com a data do escrito e, após o título informa o nome da cidade ou a ocasião na qual foi feito. Tais sequências adquirem um sentido às vezes diferente daquilo que significam suas palavras, ou seja, algo de extremo entendimento pessoal, fazendo-se uso de linguagem figurada. A passagem citada a seguir se refere a um

desses poemas, que compõem uma série intitulada "Teoria":

25 de setembro de 1981

a prática da pesquisa

(num vôo entre Brasília e São Luís)

Que pedaços do mundo que observo
habitarão partes de mim que os vejo?

Qual seiva de uma flor vermelha
das manhãs de agosto, que florida
no entremeio dos Gerais de Minas

terá a mesma tinta de uma vida
que corre no rio de minhas veias?

(BRANDÃO, 1982, p.80)

É um instrumento que possibilita aos pesquisadores registrarem suas impressões sobre aquilo com que eles estão trabalhando, quando as mesmas são impulsionadas por estímulos que aparentemente estão longe, inclusive geograficamente, de tal realidade. Permite, desta forma, se criar uma sensação de unidade entre as situações cotidianas vivenciadas pelo pesquisador com aquilo que ele pesquisa e, até mesmo, uma unidade entre ele próprio e aquilo que se pesquisa.

Além disso, Brandão usa suas séries de poemas para descrever situações cotidianas de seus informantes, ligando-as a aspectos mais gerais de suas vidas. Parece que há, em algumas passagens neste livro do autor o pleno entendimento da situação do grupo estudado expresso sob a forma de poemas, quando ele é capaz de lidar com os aspectos mais descritivos da vida, ligando-os a situações de conjuntura nacional e mesmo às teorias da complexidade. Tenta-se demonstrar este aspecto com a citação de mais dois poemas, ambos extraídos da seção "Diário Camponês":

14 de junho de 1979

situações de plantar e colher

São José de Mossâmedes

1.

o jeito goiano de plantar com a mão

o que o mato dá sem mágoa

e o cerrado sem cobrar:

pequi, caju, mangaba, madeira, mel de abelha
dados de graça, catados com a mão cheia
dos repentinos de amor da natureza
que não cabem no arrendo nem na meia
e não põem placa de "vende" na parede.

2.

a lei paulista de plantar com o arado
o que a roça dá com avareza
e o dono cobra à vista:
milho, feijão, arroz, soja e aguardente
"dados" em fero trato feito à meia
sob o dedo do poder do fazendeiro
que existe às custas do trabalho alheio
em casa grande de fazenda e tulha cheia.
(BRANDÃO, 1982, p. 18-19)

13 de fevereiro de 1979

a consciência de classe

Cidade de Goiás

Enquanto lavrava a golpes
de machado o poste de aroeira
o preto lenhador chamado Berto,
nascido no Faina, perto de Cavalão Queimado,
apontava com o dedo o dono
ao longe da serraria e dizia assim:
"camisa dele quem dá é o meu trabalho".
Se diz que o machado do preto
era o mais afiado e certo do lugar.
E a fala também.
(BRANDÃO, 1982, p.20)

Nestas duas passagens ocorre algo muito eficiente em termos explicativos, em poucas palavras e de uma forma extremamente poética: na primeira, uma comparação entre o modo de conseguir alguns itens de subsistência em Goiás, através da maior dependência da natureza e do Cerrado, sem custo algum. Ali não cabem práticas de arrendamento da terra e nem de se pagar a meia para

poder explorá-la, afinal a natureza não cobra por seus produtos nem ninguém tem sua propriedade. Depois, no mesmo poema, mostra-se o modo paulista, região mais urbanizada onde não cabem tais práticas, pois ali há uma lei na qual a terra é vista como ponto de partida para a produção de valores de troca, que faz seus frutos parecerem amargos. Já no segundo poema, Brandão descreve o trabalho que tem seu informante, especificando lenhador e lenha. Da conversa entre eles surge informação sobre a origem do entrevistado e com ele discute-se sua localização, próxima a outra cidade da região. O entrevistado deu a clara dimensão de que é consciente da exploração a que é submetido pelo seu patrão e que por meio de seu esforço garante o bem-estar do outro. Por fim, temos a impressão de que o pesquisador pede a outras pessoas uma referência, antes que ele pudesse chegar a um informante mais qualificado.

Outra importante referência ao uso desta técnica de pesquisa foi encontrada no trabalho de Malinowski (1997), como uma forma de descrever o cotidiano enfrentado pelo pesquisador durante suas viagens de campo. Este autor passou a escrever num diário, que o acompanhava aonde quer que fosse, como ele se sentia no dia, com quem conversava, se o trabalho estava lhe interessando e deixando-o disposto ou não, descrevendo as paisagens por onde passou e dando ao seu leitor uma noção daquilo que estava sendo vivenciado, das dificuldades e das vaidades do pesquisador frente a seu objeto de pesquisa. Foi usado também para ele "confessar" suas emoções e impressões mais íntimas para si próprio, algo muito mal recebido pela comunidade acadêmica na época do lançamento do livro, no ano de 1966⁷. Enquanto a maioria dos acadêmicos rejeitou a obra publicada a partir dos diários pessoais, alguns pesquisadores mais compreensivos e em momentos póstumos ao seu lançamento observaram que um de seus maiores trabalhos (*Os Argonautas do Pacífico Sul*) não seria possível, sem que antes todo aquele trabalho de escrever seus diários de campo fosse feito, provando assim a importância de sua divulgação. Isso porque o pesquisador chegou a fazer um trabalho de reconhecimento internacional e da maior relevância para a Antropologia, porque aproximadamente quatro anos esteve em campo fazendo suas pesquisas e seus registros no diário de campo, o que certamente influenciou a formação de seu olhar sobre a realidade investigada. No caso deste autor, o uso do diário de campo teve maiores implicações na descrição do seu próprio

⁷Na apresentação da obra, a esposa de Malinowski assume toda a responsabilidade por sua publicação, que foi feita após a morte do antropólogo.

cotidiano quando em épocas que ficou em trabalho de campo.

Em suma, é uma técnica de pesquisa que permite liberdade quanto à forma e conteúdo, bem como pode dar a conhecer ao pesquisador ele mesmo diante de seu trabalho. Cientificamente, antes de ser algo de cunho meramente pessoal, sem relevância para o trabalho em si, é uma técnica que permite aos pesquisadores escrever sobre seus objetos de pesquisa e revisar seus preconceitos inerentemente existentes, quando se trata de alguém que sai do conforto de seu meio social mais familiar, que inclui o próprio meio acadêmico e adentra ao universo empírico do "desconhecido".

Vale a pena relatar também a importância do diário de campo como técnica que nos deixa a vontade no trabalho de campo. Longe do constrangimento que um gravador possa causar para alguns informantes, limitando seu depoimento, quando se registra passagens das conversas em um diário de campo parece ao informante que o pesquisador está tomando aquela conversa como uma aula e de fato tomando nota. Há também a obrigação, por parte do pesquisador, de ter domínio sobre aquilo que se está conversando e de estar atento, pois dentro de recortes teóricos e de questões a serem abordadas a princípio, pode-se perder informações valiosas. Mesmo que se tenha um roteiro de questões a serem abordadas, as conversas podem chegar a assuntos bem distantes da proposta inicial, muitas vezes em função da vontade de falar do entrevistado e da lógica da situação. Sua interrupção deve ser evitada. O registro em diário de campo permite acompanhar e respeitar esta direção, quando então o entrevistado se liberta de perguntas e fala à vontade sobre os aspectos que se ligam a sua explicação.

Certamente, ao notar o interesse do pesquisador em acompanhar seu raciocínio lógico, o entrevistado sente-se mais à vontade. Com isso, muitos aspectos subjetivos nas conversas ganham relevância, como por exemplo, através dos gestos, aspectos sutis que dão a impressão de que ali está acontecendo um entendimento. Com estes aspectos subjetivos temos a impressão de que há momentos em que não precisamos fazer quase nada para a condução da conversa, de forma que o pesquisador pode assumir uma postura como a "escuta ativa" (WHITAKER, 2002). Assim, na postura do pesquisador em campo pode ser mais importante escutar do que falar, aprender mais do que ensinar.

O diário de campo no contexto da pesquisa sobre autoconsumo

A delimitação da amostragem do presente trabalho se baseou em minha experiência em diversas pesquisas nos assentamentos rurais da região de

Araraquara, desde 2001, como integrante do Núcleo de Pesquisa e Documentação Rural. Primeiramente, é de se destacar minha participação no grupo de educação e meio ambiente, quando do meu ingresso no Nupedor como bolsista. Com a orientação da Profa. Dra. Dulce Consuelo Andretta Whitaker comecei a aprender a usar o registro etnográfico como forma de captar informações nos assentamentos. Ela, em colaboração com seu grupo de bolsistas, estava na iminência de lançar um livro que rapidamente se tornou uma referência em minha formação como pesquisador (WHITAKER, 2002). Conforme demonstrado nesse livro pelos diferentes bolsistas que havia no grupo à época, a principal técnica de pesquisa para coleta de informações do Nupedor é o diário de campo. Cada membro do grupo fazia seus registros de forma muito particular, mas sempre a partir de um recorte teórico específico.

Ao voltar do assentamento recomenda-se fazer o quanto antes a tarefa de descrever as informações registradas no diário de campo. Como afirmei antes, este trabalho no Nupedor é considerado montagem de cadernos de campo. Se antes de ir ao assentamento estamos imbuídos de teoria, oriunda de nossos projetos individuais bem como dos projetos do grupo, ao voltar, temos um verdadeiro guia para o rememorar o dia de campo. Então passa-se a descrevê-lo de forma mais inteligível possível para depois discutir as informações junto ao grupo. A memória do pesquisador e uma cuidadosa vigilância epistemológica (no sentido de quebrar os preconceitos que podem haver contra o modo de vida no meio rural) são essenciais para a compreensão da realidade, como também, a confrontação das opiniões individuais junto ao grupo de pesquisadores que vão junto a campo⁸. A memória, porque lembrar-se de cada detalhe pode representar um grande enriquecimento na compreensão de cada situação. Já a vigilância, refere-se a entender o sujeito pesquisado levando-se em conta a

⁸Lembro-me que uma das primeiras discussões em grupo que participei nesse sentido foi sobre o descarte de lixo. Ao vermos que em algumas casas no assentamento havia lixo jogado ao seu redor, alguns de nós ficávamos com péssima impressão, e nos perguntávamos por que eles jogavam lixo assim, no chão, deixando o lugar "sujo". Nossa professora, ao ouvir nossos relatos explicou que até bem pouco tempo atrás, para aquelas famílias, tudo que era lixo era material orgânico, portanto poderia servir até como adubo da terra. Com o advento do lixo industrial (embalagens plásticas, latas etc.), o costume e o gesto de jogar ao chão, depois juntar num canto e queimar, não se alterou tão rapidamente. Portanto continuam a fazer assim com o descarte de lixo, que agora também tem material industrial como latas e garrafas plásticas. Por outro lado, vale ressaltar que em geral não há coleta de lixo na zona rural.

alteridade, analisando as situações do ponto de vista do sujeito e despidendo-se o quanto possível dos próprios pré-conceitos.

Nesta fase inicial de minha participação no grupo foi essencial o contato com a pesquisadora Dulcelaine Lucia Lopes Nishikawa, que já fazia parte do grupo. Enquanto Dulcelaine estava analisando possibilidades de agricultura sustentável, fazia uma coleta de dados que inspirou fortemente a minha, no sentido de registrar os inventários dos lotes e de fazer uma leitura do espaço procurando práticas deste tipo de agricultura, associando-as à cultura rural das famílias assentadas⁹. Depois do contato com esta pesquisadora é que, sempre que eu ia a campo, fazia um cuidadoso inventário dos lotes visitados. Por mais exaustivo que este registro possa parecer a alguns, na minha concepção era relatar a especificidade de cada um deles, dentro de uma diversidade agrícola que parece ser comum à maioria dos lotes do assentamento. Por outro lado, a diversidade agrícola específica de cada lote denota, por exemplo, através dos alimentos cultivados para o autoconsumo familiar, a construção cultural que cada família traz para o assentamento. Exemplos disto foram encontrados nas diversas variedades de feijão que são plantadas nos lotes para autoconsumo, algumas delas trazidas pelos assentados desde suas origens. Então, esta prática de observar o que (e como) está plantado para autoconsumo se tornou uma constante na minha rotina de pesquisador.

Durante o projeto Inserção dos Assentamentos às Economias Regionais... (FERRANTE, WHITAKER, 1999), o diário de campo foi a principal técnica de pesquisa que o grupo de bolsistas fez uso (nos assentamentos). Assim, as informações levantadas com meus próprios diários foram as principais fontes de minha monografia de bacharelado (DUVAL, 2005). Além das idas a campo e dos registros, fizemos também entrevistas gravadas com técnicos agrícolas dos órgãos gestores, membros das prefeituras municipais (principalmente de Araraquara e Motuca), com técnicos e coordenadores da Regar (Associação para o Desenvolvimento da Agricultura Regenerativa da Região de Araraquara), que protagonizou a alternativa produtiva analisada em minha monografia.

Já no projeto Poder Local e Assentamentos Rurais..., (FERRANTE, 2004b), foi escolhida uma amostragem importante do ponto de vista estatístico: foram visitadas mais de 10% das propriedades do assentamento Monte Alegre, entre 2005 e 2006 (45 questionários aplicados). O ponto mais importante para o

⁹Ver os trabalhos Nishikawa et al. (2002) e Nishikawa (2004).

presente trabalho ao final desse projeto é que já havia se comprovado, através de dados coletados com questionário semi-estruturado, que quase a totalidade dos lotes, mesmo com a entrada da cana agroindustrial, continuava com a produção de, pelo menos, uma parte do autoconsumo¹⁰.

Com os questionários aplicados em 2005 e 2006 pela equipe do Nupedor, tivemos, por exemplo, que no assentamento Monte Alegre, produzir ao menos uma pequena parte dos alimentos que se consome era uma prática comum, pois 48,84% das famílias declararam consumir tudo o que produziam, 42,18% boa parte, 8,98 pequena parte e nenhuma declarou não consumir nada o que produz. A produção de frutas foi a mais encontrada nos lotes, em 69% deles, geralmente diversificadas e consorciadas entre si ou entre espaços de cultivos como as hortas. Identificamos que 62% dos lotes tinham cereais e que em 57% dos lotes havia tuberosas, dentre as quais destacava-se a mandioca. Por fim, as hortaliças estavam presentes em 49% dos lotes visitados. Para a maioria das famílias que as plantavam, eram destinadas ao autoconsumo e à venda do excedente. Das famílias entrevistadas, 53,3% criavam suínos, 46,6% aves e 64,4% gado leiteiro. Observamos ainda que 62,5% das famílias entrevistadas faziam trocas de alimentos e de serviços entre si.

No penúltimo projeto do Nupedor (FERRANTE, 2007b) foi feita uma nova coleta de dados com questionários semiestruturados em significativa amostragem, com o intuito de se montar um banco de dados que permitiu análises comparativas dos assentamentos da região de Araraquara e outros da região do Pontal do Paranapanema. Novamente, questões referentes à produção e distribuição dos alimentos de autoconsumo foram investigadas através de 81 questionários aplicados no Monte Alegre.

Nesta nova amostragem, apenas duas famílias do Monte Alegre declararam não produzir nada para seu próprio consumo. A maioria das famílias (aproximadamente 70%) estava numa faixa de produção entre 1 e 60% do que consumia. Frutas estavam presentes em 91% dos lotes; criações em 78%; raízes em 68%; grãos em 65%; hortaliças em 51%; legumes em 47%; temperos 40% e plantas medicinais 20%. Os quatro últimos grupos de alimentos (hortaliças, legumes, temperos e plantas medicinais) perdem importância enquanto atividade agropecuária – e com isso podem ser subestimados na hora da aplicação do

¹⁰No projeto Poder Local e Assentamentos Rurais..., foram analisadas algumas das consequências da recente parceria entre assentados e usinas canavieiras, mediada pela Portaria Itesp 077/2004, dentre as quais, as consequências para a produção do autoconsumo.

questionário – embora não percam importância no prato de comida ou como remédio. Ao contrário, vêm sendo valorizados.

Alimentos voltados primordialmente ao autoconsumo das famílias tinham seus excedentes envolvidos, além da rede de trocas, vendas e doações no interior do assentamento, na comercialização em programas municipais, em feiras e mercados de cidades da região. Constatamos com relação ao cuidado com a produção agrícola de autoconsumo, que as respostas mais frequentes envolviam a mão de obra da mulher. As respostas mais comuns foram a participação do titular do lote e sua cônjuge (35%). A produção de autoconsumo era feita com mão de obra familiar. Em apenas um caso isto não acontecia.

Portanto, nessa trajetória de pesquisa, foram feitas inúmeras idas aos assentamentos, em diferentes lotes e em diferentes momentos, devidamente registradas de forma complementar aos questionários através de diários de campo, sempre com especial preocupação ao autoconsumo. O material das recentes pesquisas no âmbito do Nupedor foi utilizado na dissertação de mestrado, embora o objetivo fosse o de avançar no estudo de questões específicas do autoconsumo, notadamente através da associação desses e dos dados qualitativos especialmente coletados.

Para o presente trabalho o diário de campo foi relevante para captar informações, depois transformadas em dados, por meio da descrição de práticas agrícolas e da transformação do alimento em comida. Muitas vezes consegue-se fazer isto junto com outros membros da família, por exemplo quando na conversa surge espaço para a participação da mulher, pois ela detém maior conhecimento sobre receitas e alimentação da família. Notou-se que o lugar escolhido para as conversas era a cozinha ou um terraço em frente à porta da casa que dá para a cozinha: então, de uma forma ou de outra, a mulher sempre estava por perto.

Após a aplicação de um questionário semiestruturado com perguntas comuns a todos os assentados que fizeram parte da amostragem, perguntava-se ao assentado se podíamos conhecer o lote e seus sistemas agrícolas, aquilo que é produzido para o consumo da família. Ao andar pelo lote o assentado se lembrava de coisas que não tinha falado no momento anterior. Nas caminhadas, eu portava além do diário de campo, uma câmera fotográfica digital para os devidos registros principalmente de práticas agroecológicas.

Uma das questões do questionário, por exemplo, era o inventário do lote, com a qual solicitava-se ao assentado relacionar tudo aquilo que havia plantado no lote e que servia para o consumo da família. Muitas coisas eram esquecidas ou por eventualidade, ou por ele julgar irrelevante a existência de algum item

também em função da escala que é produzida, ficando assim omitida¹¹. Assim, o diário de campo me permitiu completar o inventário. Plantas medicinais também tiveram suas funções para a família desvendadas nestas caminhadas "didáticas".

O diário de campo foi utilizado de forma associada a outras técnicas de pesquisa (o questionário semi-estruturado, a fotodocumentação, desenhos dos lotes e cardápios da família), como meio de complementar as informações necessárias ao estudo. Tais técnicas associadas permitiram-me uma comparação entre o discurso do assentado com minha observação direta. Há, de fato, algumas informações que geralmente não se consegue com técnicas de pesquisa que não permitem flexibilização na coleta das informações, necessárias em casos de objetos de pesquisa que exigem esta flexibilização, como é o caso da agricultura familiar.

Detalhando a metodologia

Para a coleta de dados presente foi utilizada a técnica de bola de neve, procurando obter dados que viessem a complementar aqueles dos estudos anteriores do Nupedor, no sentido de qualificá-los. Com esta metodologia partiu-se de um informante-chave, um assentado que plantava cana agroindustrial e também alimentos para autoconsumo em seu lote. Tal informante indicou dois novos assentados, os quais indicaram mais um assentado cada, até que foi possível identificar um discurso coletivo desse grupo, que mesmo plantando cana não deixou de plantar seus próprios alimentos. A formação desse grupo permitiu avaliar dimensões simbólicas e materiais de convivência de dois sistemas de produção com motivações sociais distintas num mesmo lote agrícola. O discurso coletivo pôde ser detectado no quinto assentado entrevistado¹².

¹¹Há um exemplo claro disto quando um assentado não informou, a princípio, a existência de algumas plantas de moranguinho silvestre. De fato ele não produz moranguinho, pois esta planta dá como se fosse mato em meio ao seu roçado, mas como descobri depois que sua família coleta e faz uso alimentar dos frutos, havia para mim a necessidade de registrar sua presença. Ao relacionar o inventário de seu lote, esse assentado não considerou esta planta porque é uma coisa espontânea em seu lote, que a natureza lhe dá. Mas não temos ao certo a medida que ela contribui, por exemplo, para a reposição de nutrientes dos membros da família, de qualquer forma, algo de difícil mensuração, o que não diminui sua importância.

¹²Poder-se-ia ter avançado mais na coleta de informações, porém, o ponto de saturação foi limitado também por questões de logística. Isso não prejudicou a formação de um discurso coletivo do grupo, pelo menos em torno das hipóteses iniciais da pesquisa.

A cada um desses cinco assentados, titulares de lote, foi aplicado um questionário semiestruturado cujas questões foram divididas em três blocos. No primeiro procurou-se reconstruir historicamente a origem e a trajetória familiar até o assentamento rural – um breve relato da história de vida e de trabalho – tendo como fundo o modo de vida, os meios de acesso aos alimentos e o que era produzido pela própria família e o que era comprado fora. Pedi que me falassem sobre os principais pratos consumidos em suas origens (o que se lembrava de comer com sua família, quais pratos doces e salgados eram consumidos).

O segundo bloco abrangeu a entrada no assentamento e o acesso ao alimento, sob a perspectiva da produção própria e da constituição de redes nas quais ocorrem eventuais vendas, trocas ou doações de alimentos entre assentados (para tentar captar se isto permite mais fácil acesso e maior disponibilidade de alimentos na comunidade), se já deixou de plantar alimentos e quais razões. Perguntou-se também quais os principais pratos consumidos atualmente. Houve uma questão (também presente no questionário do Nupedor) na qual perguntamos aos agricultores sobre o período da vida que tiveram maior fartura de acesso a alimentos. Ela ajudou na investigação junto aos assentados sobre sua memória de mais fácil acesso ao alimento durante suas vidas. Procurou-se ainda captar, nessa parte, informações sobre os custos monetários que se tem no mercado com produtos alimentícios.

No terceiro bloco, foi feita uma tentativa de caracterizar como são os sistemas agrícolas para produção de alimentos de consumo familiar, quanto à divisão de trabalho familiar, uso de insumos e outras práticas, se eles têm percebido as mudanças climáticas e o que vem sendo feito para manter/adaptar a produção. Uma questão extremamente importante nesse bloco foi o inventário de tudo que há no lote e que se faz uso alimentar. Aqui residiu a tentativa de mensurar o incomensurável, tal é a diversidade existente nesses inventários, de alimentos que estão presentes na composição do lote familiar e lhes garantem a grande parte dos nutrientes. Geralmente trata-se de um espaço pequeno dentro do lote comparando-se com outros sistemas, como o milho comercial ou a cana agroindustrial. Mas a relação com a terra ali adquire tamanha reciprocidade para a família assentada que mensurá-la em termos exclusivamente econômicos pode ser enganoso, uma vez que isso quase nunca é feito pelos próprios membros familiares nos lugares do lote onde são plantados os alimentos para o autoconsumo.

Assim, tomei deliberadamente a dimensão simbólica como foco privilegiado

para a análise, partindo da hipótese de que esta diversificação é resultado de uma reconstrução identitária do agricultor e sua família no assentamento rural. O que antes era um espaço homogêneo de monocultura de eucalipto¹³, agora dá lugar a esta diversidade. Os lotes agrícolas são lugares de uma relação afetiva da família assentada com a terra, que perpassa o meramente econômico. Além disso, a diversificação invariavelmente torna as relações ecológicas mais complexas. Muitos trabalhos desenvolvidos no âmbito do Nupedor já haviam retratado a relação dos assentados com a terra, de forma que o inventário do lote foi uma tentativa de mensurar, no sentido de qualificar esta relação, ao invés de ensejar prioritariamente uma análise econômica do valor do autoconsumo.

O questionário colaborou para que as conversas fossem estruturadas em torno desses três eixos, que serviram para que fossem melhor tabuladas as questões, comparando-se a fala de cada assentado. Foi por meio desta comparação que se pôde considerar um discurso coletivo em torno de algumas hipóteses, como as seguintes:

- Em suas origens, quando eram agricultores ou pelo menos estavam mais perto desta condição, comiam determinados alimentos. No assentamento, procuram voltar a ter um padrão alimentar como antes - determinados alimentos, cultivados e feitos por eles próprios;
- Conforme estudos, como Antuniassi et al. (1993) e Barone (1996), se constituem redes familiares e de amizades que juntas procuram pelas melhores estratégias, por exemplo, para uma produção com equilíbrio entre o grupo, o meio e a alimentação;
- Determinados sistemas agrícolas são colocados em prática para se obter alimentos, com uso de práticas de agricultura tradicional identificadas com princípios de produção agroecológicos;

O trabalho de tabulação exigiu que fossem montados cadernos de campo (assim como fazemos no Nupedor), estruturados conforme a sequência do questionário, mas também incorporando informações que fugiam um pouco do tema da produção dos alimentos. Isso porque durante a aplicação do questionário muitas outras informações surgiram, principalmente porque contamos com

¹³A fazenda Monte Alegre foi por quarenta anos, antes do assentamento, um horto da Fepasa (Ferrovias Paulista S.A.) voltado a produção de madeira usada como dormente das estradas de ferro.

conhecimento prévio da realidade estudada. Além disso, há várias outras coisas que fogem do tema restrito do questionário sobre os quais o assentado quer falar. Dois exemplos estão nas longas falas sobre religião e sobre a parceria da cana. No primeiro caso, pareceu-me que o assentado acabava falando sempre em Deus porque a produção do alimento próprio carrega uma forte conexão com o divino, num plano simbólico. No segundo caso, falar sobre a cana agroindustrial junto com a fala sobre produzir alimentos acaba tendo sentido, por motivo da comparação sobre a produtividade e da necessidade de renda monetária. Portanto, para registrar estas passagens que fugiam ao tema das questões formuladas, foi feito uso do registro improvisado no próprio questionário, como se fossem registros em diários de campo. A montagem dos cadernos de campo exigiu que fossem usados todos os registros feitos durante a visita, na verdade, juntando as informações coletadas a partir das perguntas do questionário e as demais que foram captadas em diário de campo. Tudo o que foi registrado em campo serviu para que fosse feita a descrição densa do que foi vivenciado – ou aquilo que chamamos aqui de elaboração do caderno de campo.

Assim, todos os cadernos de campo têm uma parte introdutória contando como foi a chegada à família, como foi o primeiro contato que tivemos e em que lugar da casa foi feita a entrevista. Depois dessa pequena introdução procuramos relatar como é o núcleo familiar do lote, ou seja, todos os integrantes que moram no lote visitado, procurando identificar o trabalho de cada membro da família. Após isso, seguimos na tentativa de criar uma narrativa a partir das respostas dadas ao questionário.

Desenhos e cardápios: marcas da identidade

Para ter contato com outros membros das famílias e ocasionar um retorno ao lote, solicitei à cônjuge do titular do lote o registro do cardápio de uma semana da família (pressupondo que a mulher seria a responsável por cozinhar), como também pedi ao agricultor para fazer três desenhos de seu lote, informando o que ele plantava quando chegou ao lote, o que ele planta atualmente e o que ele gostaria de plantar no futuro. O uso do termo desenho para designar esta técnica estava ligado ao termo redesenho do agroecossistema, utilizado na Agroecologia quando do planejamento e implantação de determinado sistema agrícola, principalmente nos casos de transição de matriz energética (do convencional para o agroecológico, por exemplo), quando então se procede ao redesenho do agroecossistema. A intenção era captar o redesenho do lote agrícola em diferentes épocas, mas, como veremos a seguir, alguns desenhos puderam ser interpretados

como verdadeiros mapas. Na ocasião deixei folhas para os cardápios e desenhos e uma caixa de lápis de cor.

Quanto aos desenhos, alguns assentados alegaram que não sabiam desenhar, então pedi um desenho simples, ou que fosse solicitada a ajuda de alguém da família, por exemplo, as crianças¹⁴. Considerando certa recusa por parte de dois assentados que não quiseram elaborar desenhos, foram conseguidos: com o primeiro assentado, entrevistado três desenhos feitos cuidadosamente por suas netas; com o segundo assentado, também três desenhos, mas feitos na hora e muito a contragosto; o terceiro assentado entrevistado não quis fazê-los, mas consegui obter ao menos um desenho feito por uma filha já adulta (desenho atual do lote); o quarto assentado alegou não saber desenhar, mas seus filhos aceitaram o desafio e acabaram não seguindo o proposto (nesse caso, um dos filhos fez com precisão o desenho atual do lote de produção e uma das filhas tentou fazer o desenho atual do lote de moradia); já o quinto assentado fez três bons desenhos de seu lote, alterando um pouco minha orientação (no primeiro desenho do lote, ao invés dele retratar o primeiro sistema agrícola que ele impôs ao lote, retratou o estado em que pegou a terra).

Para os cardápios, por outro lado, foi mais fácil conseguir adesão. Apenas um assentado não os fez, nem pediu à sua esposa que fizesse (o segundo assentado entrevistado). Das outras quatro casas, em uma delas o próprio assentado fez os registros (o quarto entrevistado); noutras, duas foram feitas por filhas do titular do lote (no terceiro e quinto entrevistados) e, em uma, os cardápios foram registrados pelas crianças (na mesma casa que os desenhos foram feitos por elas, no primeiro entrevistado)¹⁵. O registro do cardápio da família por uma semana teve inspiração nos trabalhos de Antônio Cândido (1979) e Brandão (1981), que buscaram caracterizar os alimentos e comidas de seus respectivos

¹⁴Solicitar tais desenhos foi uma técnica inspirada no trabalho de Fiamengue (1997), que coletou desenhos junto às crianças no assentamento para analisar a representação que elas fazem do lugar. Por isso, quando tive a oportunidade pedi para que as crianças das famílias fizessem o desenho sob orientação do assentado.

¹⁵Os cardápios registrados pelas crianças revelaram uma melhor delimitação daquilo que é proveniente do próprio lote, por exemplo: especificaram o frango caipira do sítio, as verduras e legumes colhidos na horta, as frutas (para sucos) colhidas no sítio, bem como informaram em alguns casos os temperos usados na preparação do prato, coisa que nenhum dos outros informantes fez. Bem como, os desenhos feitos pelas crianças são os mais ilustrativos. Nenhum cardápio foi registrado pela cômputo do titular do lote.

grupos. Também se intencionou aqui perceber, de uma maneira geral, quais alimentos advêm do próprio lote (que, portanto, imprimem certa construção ao espaço agrícola) e quais são comprados fora. Refeições e modos de preparo típicos também foram objetos de análise. Nesse sentido, cabe salientar a grande importância destas estratégias para a pesquisa etnográfica no presente estudo.

Com os desenhos, a ideia inicial era permitir aos assentados uma representação do lote agrícola que comparasse o momento inicial e o atual e, juntamente com o inventário, tentar se enxergar a diversificação existente nos lugares de onde saem os alimentos para o autoconsumo. Assim, os próprios assentados poderiam ver as mudanças ocorridas com o tempo, as coisas que foram deixadas de lado, os novos sistemas agrícolas que adotaram e a diversificação presente em pequenos espaços. Com a sugestão do professor de Metodologia de Pesquisa para a Agroecologia (prof. José Maria Gusman Ferraz), pedi também aos assentados para fazerem desenhos com o que eles gostariam de ter no lote. Isso pensado como ferramenta de planejamento para eles, para que eles pensassem e colocassem no papel aquilo que desejam fazer no futuro, a partir do presente vivido. Algumas publicações em Metodologia Participativa voltadas à Agroecologia valorizam os desenhos das propriedades como forma de planejamento.

Participando de um projeto de extensão¹⁶ no assentamento Monte Alegre, estive presente em um dia de treinamento de agricultores em campo junto com o pesquisador Afonso Peche Filho. Uma das propostas feita pelo pesquisador aos assentados era ir até uma parte alta de seus lotes para observar e elaborar desenhos distinguindo os diferentes sistemas agrícolas existentes, identificando problemas como erosões, possíveis causas de assoreamento etc. Dentro do mesmo projeto participei de um dia de campo com o prof. Miguel Altieri no assentamento Vinte e Um de Dezembro (Descalvado/SP). Enquanto visitávamos um lote, o professor Altieri andava pelo milharal vendo e explicando os problemas (os indicadores do agroecossistema) às pessoas presentes. Depois fui conversar com o assentado daquele lote e ele acabou me mostrando os desenhos que tinha feito quando pegou o lote, que retratavam o que ele queria fazer ali. O assentado tinha a ideia de fazer um SAF (Sistema Agro-Florestal) em seu lote e os desenhos

¹⁶Trata-se do projeto Da Microbacia ao Agricultor Familiar: uma releitura do agroecossistema, 2006-2008, coordenado pelo prof. Manoel Baltasar Baptista da Costa e financiado pelo CNPq.

estavam muito bons. Chamei o Altieri para que os visse e ele elogiou muito o assentado, dizendo que ele estava desenhando um sistema agroflorestal e esperava que o assentado tivesse realmente condições de implantá-lo. Assim, me convenci de que pedir os desenhos aos assentados da minha pesquisa seria interessante.

Outra inspiração ao uso desta técnica veio da pesquisa coordenada por Garcia Jr. et al. (2003), na qual foram elaborados mapas/croquis de forma participativa: os pesquisadores trouxeram mapas de grandes dimensões já com a delimitação dos lotes e coube aos assentados localizar e desenhar seus lotes individuais. Assim, cada um deles inseriu no mapa as informações dos lugares de moradia, sobre os cultivos, estruturas, recursos naturais existentes etc., trazendo assim informações locais aos mapas. Nesse caso, a falta do inventário do lote levou os assentados a priorizarem os cultivos mais importantes para a comercialização e as criações, embora mesmo assim tenha se identificado grande diversificação.

Quando retornei ao lote para receber os primeiros desenhos de um assentado, me dei conta que aquilo extrapolava a idéia inicial de desenho propriamente dito. Tratava-se de um material extremamente útil como forma não apenas de representar o lugar, mas uma forma de mapear o trabalho que ele tem ali desde que chegou ao lote, de inserir informações locais aos mapas. Assim, por sugestão de minha orientadora, Profa. Norma Valêncio, fui convidado a fazer leituras numa área para mim desconhecida, sobre cartografia e o poder de mapear.

Nos mapas, lugares simplificados

Para Crampton e Krygier (2008) a cartografia é um campo científico dominado pela elite e de alto interesse governamental, sendo que a elaboração de mapas raramente serviu como instrumento científico neutro. Quem possui um mapa pode fazer afirmações poderosas, "assertivas de poder e de conhecimento", que orientam principalmente ações militares, políticas e econômicas. Por outro lado, a Cartografia pode ser considerada um campo de conhecimento interdisciplinar, na medida que muitos outros podem fazer uso de algum tipo de cartografia em suas disciplinas. Então, é uma área que entrou em outros limites acadêmicos para explicar fenômenos.

O mapeamento sempre foi institucionalizado, primeiramente usado como ferramenta do Estado para tomadas de decisões. Porém, a partir do maior acesso ao mapeamento e à informação geográfica, que vem ocorrendo através das tecnologias de SIG (Sistema de Informação Geográfica) e GPS (sigla em inglês para Sistema de Posicionamento Global), também por parte de povos tradicionais, ocasiona-se um choque entre Estado e povos locais tradicionais. Enquanto estes

não tinham acesso ao mapeamento de suas áreas, ficavam submetidos a demarcações de seus territórios feitas pelo Estado, que na maior parte das vezes não possui o conhecimento local e maiores compromissos políticos com tais povos. Muitas vezes a delimitação no campo dos direitos dos povos tradicionais se baseia por mapas. Agora, eles usam mapas e informações geográficas que eles mesmos produzem "contra" o Estado, para conseguir demarcar localmente suas áreas e reivindicar seus direitos sobre elas.

Conforme Fox et al. (2008), pesquisadores apontam na construção de mapas participativos, pois tal construção ajuda no processo de fortalecimento da democracia. O mapa participativo é uma ferramenta de poder para uma construção política e organizacional, resultado de um aprendizado coletivo, num determinado território. O mapeamento feito por uma comunidade a (re)insere num mapa "vazio" do Estado, no qual seus direitos possivelmente foram suprimidos, onde aparentemente não havia ninguém ocupando ali historicamente e qualquer um poderia chegar para tomar posse, ou ser objeto para algum empreendimento. Com maior acesso ao mapa pode-se, por exemplo, provar a ocupação histórica de um território por determinado povo, ou as ações benéficas ambientalmente feitas por uma comunidade. Esses mapas dão conhecimentos locais aos próprios povos e aos de fora. Para o poder público, pode contribuir para a melhor gestão do território, pois incorpora o poder do agricultor (inclusive o de participar da gestão), quando há um mapa feito por ele, demonstra o quanto ele impõe sua lógica própria. Então, pode ser um meio de se levar em conta os interesses dele na gestão do território que ele ocupa, sendo uma fértil contrapartida às leituras impostas.

Os mapas feitos pelo agricultor são baseados em princípios diferentes dos sistemas de conhecimento "oficial". Durante o trabalho de campo no período da minha coleta de dados, lembrei-me que havia um agricultor que conhecia, mas que há muito tempo não via. Em uma visita há tempos, ele havia mostrado desenhos do lote como forma de controle da produtividade. Com esta nova perspectiva dos desenhos/mapas no trabalho, fui ao lote dele para tentar rever seus desenhos. Na verdade ele havia feito poucos na época e depois não fez mais. Depois, disse que seu filho havia se formado em técnico agrícola e fez um mapa do lote com uso de equipamento de GSP. O Sr. Agrício fez questão de me mostrar todo o material, bem como autorizou a reprodução de todos eles. Foi com os desenhos e o mapa desse informante que ficou evidente que desenhos feitos localmente, por agricultores, mostram como são diferentes as perspectivas do homem local no ambiente em relação ao produto de aplicação do SIG.

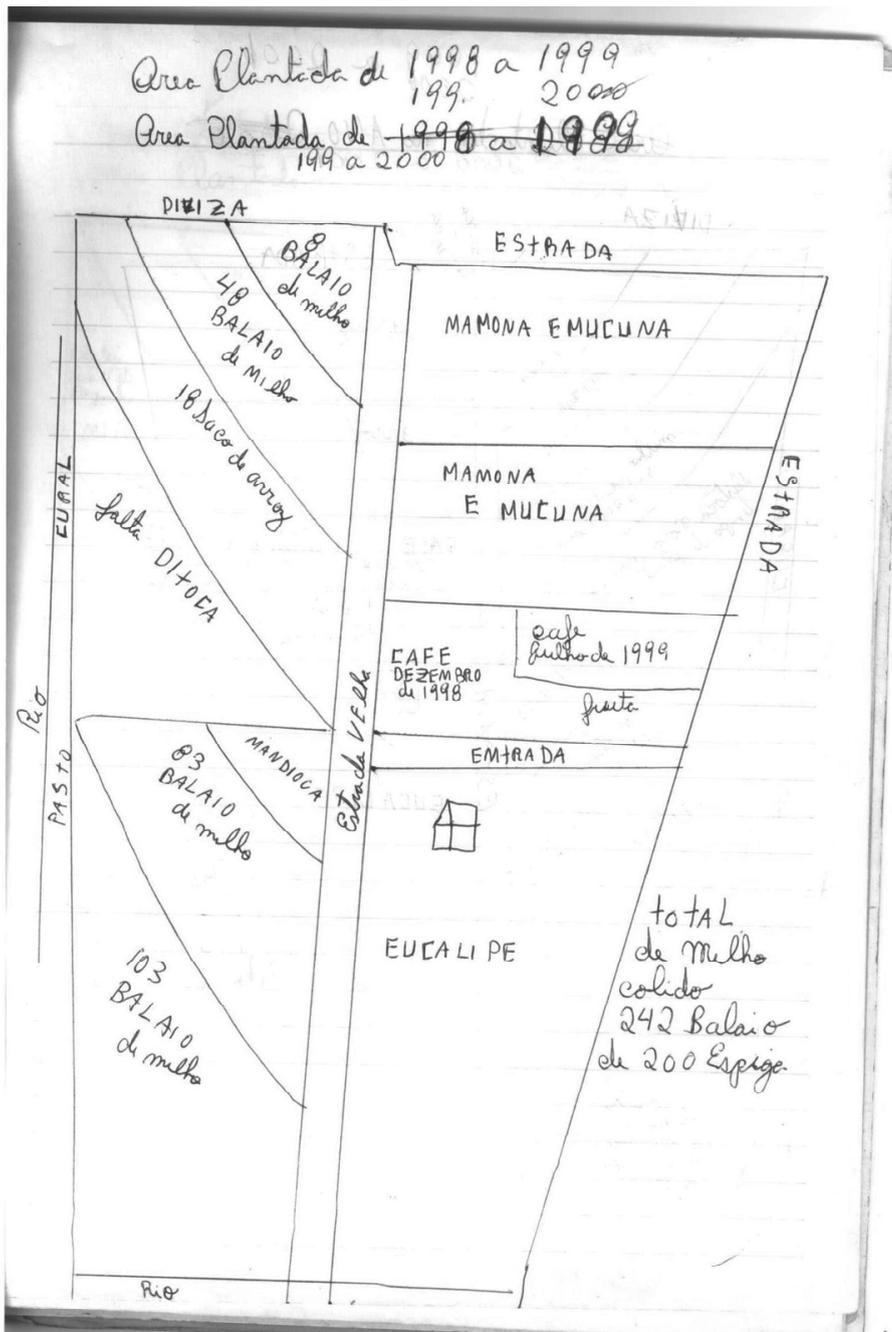


Figura 1 – Desenho do lote do Sr. Agrício ano agrícola 1999-2000.

Fonte: Desenho elaborado e cedido pelo assentado.

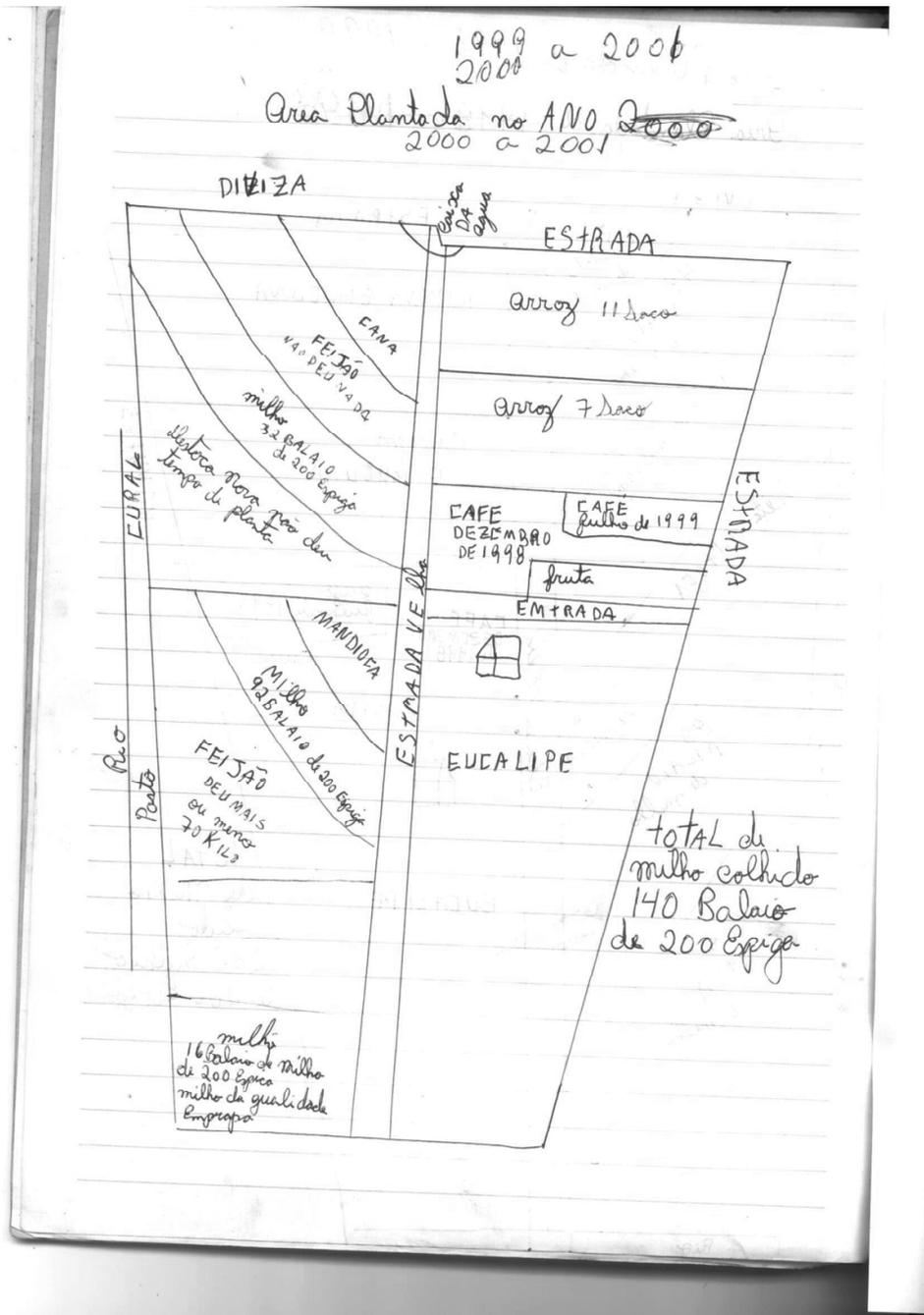


Figura 2 – Desenho do lote do Sr. Agrício ano agrícola 2000-2001.

Fonte: Desenho elaborado e cedido pelo assentado.

~~Área Plantada no Ano 2000 a 2002~~
 Área Plantada no Ano 2001 a 2002

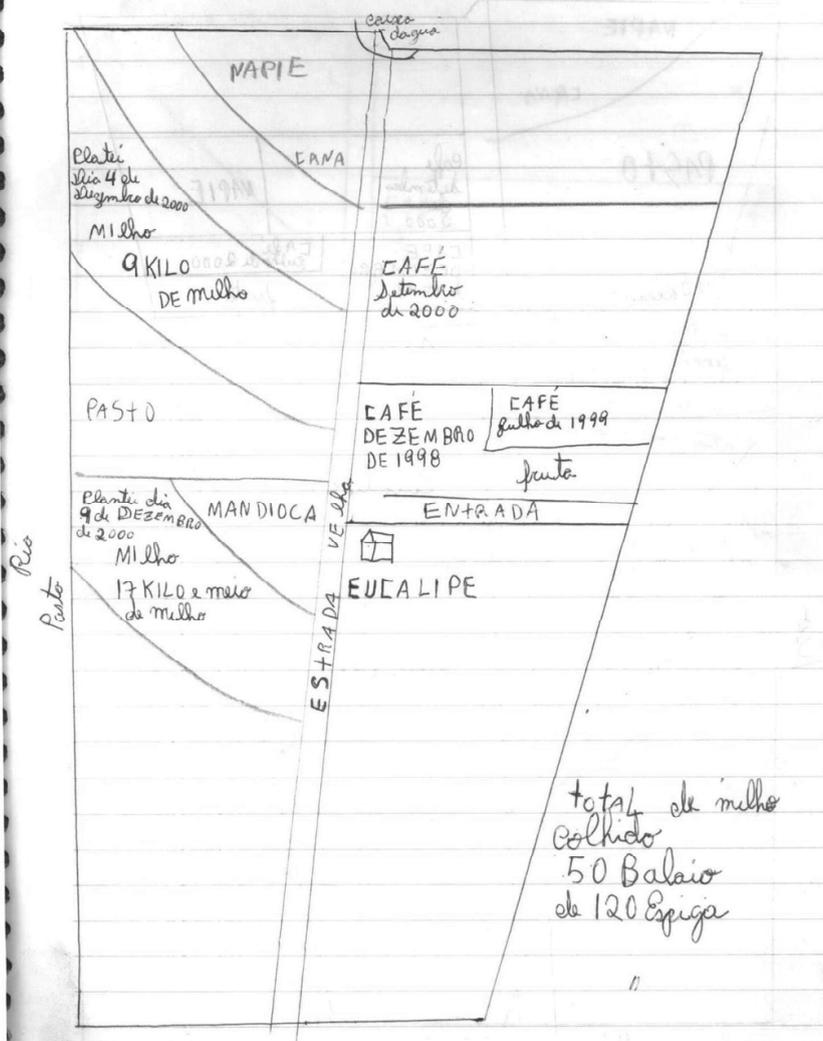


Figura 3 – Desenho do lote do Sr. Agrício ano agrícola 2001-2002.

Fonte: Desenho elaborado e cedido pelo assentado.

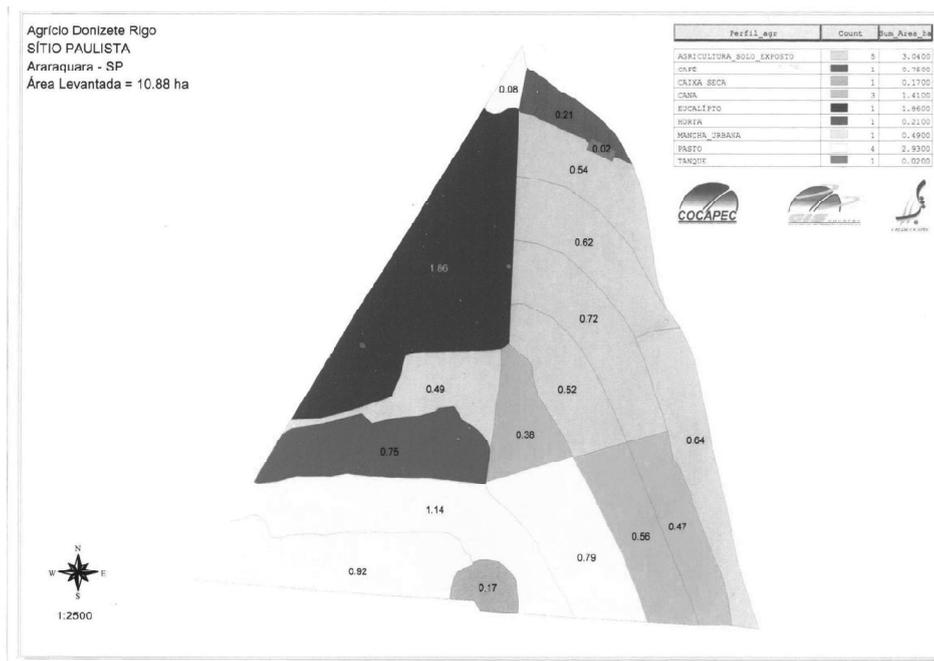


Figura 4 – Mapa do lote do Sr. Agrício.

Fonte: Mapa cedido pelo assentado.

Conforme pode-se perceber numa comparação inicial, os desenhos do assentado estão num sentido e o mapa noutra. Talvez para o assentado tenha lógica a presença do rio, que corre para baixo. Por mais que a demarcação dos sistemas agrícolas nos desenhos e no mapa seguissem o mesmo padrão (o assentado fez os contornos do lote de forma fiel ao revelado pelo mapa), ao assentado coube ainda "recheiar" os desenhos com conteúdos locais: detalhar os cultivos com maior valor comercial que ocupavam o lote e como, ano a ano, os sistemas podem ser substituídos/alterados; revelar espaços onde falta destacar os tocos de eucalipto e aonde foram recentemente destocadas; revelar onde é cada estrutura do lote.

Considera-se ainda, na continuidade dos três desenhos, que existem espaços de cultivos permanentes como o café, as frutas e o eucalipto. Em outros, o agricultor faz rotação de culturas e tenta obter, ano a ano, um mínimo de alimentos composto por milho, arroz, feijão e mandioca. O Sr. Agrício revelou ainda o que é aquela linha que corta o lote ao meio, que o mapa também mostra mas não diz o que é: a antiga estrada, fechada para ser construída outra, um pouco mais

acima, um pouco mais longe do rio.

Nos desenhos o assentado deu grande atenção a medir a produtividade obtida (no caso, se deteve à produtividade do milho, cultivo de foco privilegiado em seu lote na época), que foi feita por balaio de milho e que demonstra algo bem diferente das balanças de alta precisão. Com isso, ele reclamava ainda que era roubado na pesagem de seus produtos, por não ter como pesar a produção no assentamento e depender dos atravessadores para escoar a produção.

A partir do exposto, pode-se concluir que os desenhos feitos pelo agricultor assentado são mais completos no sentido de incluir informações que só aqueles que vivem no local podem fornecer, revelando a dinâmica territorial. Por outro lado, o mapa oriundo de recurso tecnológico dá um retrato frio e ahistórico do lote agrícola, mostrando inclusive um grande espaço de solo exposto sem permitir efetivamente a compreensão de sua dinâmica. Aconteceu que a produtividade do milho foi decaindo e o assentado, desanimando, deixando de produzir em algumas quadras de seu lote agrícola. A presença do milho no sistema agrícola revela a regularidade de financiamentos bancários e de projetos técnicos que estão disponíveis para quem quer plantá-lo de forma convencional. Para esse assentado, no período retratado pelos desenhos (1999-2002), o cultivo de milho acabou sendo priorizado. Percebe-se que no terceiro desenho já havia pouca inspiração para continuá-lo. Ele contou que ficou endividado, como muitos outros assentados, e impossibilitado de manter a produção, porque a produtividade do milho caiu vertiginosamente em seu lote.

Vale a pena reproduzir um trecho do caderno de campo feito após uma visita feita a esse assentado, em 14 de junho de 2002, para explicitar mais informações locais do agricultor. Por exemplo, o porquê dele não querer se desfazer dos eucaliptos que compõem o espaço agrícola; a diversificação existente no lote (imperceptível aos desenhos e mapas) a partir do inventário do lote; como seu filho o acompanha nas atividades agrícolas e como é duro seu cotidiano de trabalho. Além disso, na conversa não deixou de falar da natureza e como gosta dos animais.

Nós chegamos e o filho Eduardo que nos recebeu, a mãe estava no tanque fazendo queijo e o pai lá embaixo pegando capim para as cabras. Ele subiu correndo para nos mostrar os três porquinhos que comprou na feira em Matão (3 por R\$50,00).

Começamos a conversar sobre os eucaliptos e ele falou da sua importância no lote. Antes tinha em todo o espaço e foi usado como moeda de troca por

vários assentados, que foram trocando por coisas momentâneas: "trocavam por uma máquina, poço, motor e foi acabando, mas eu não". Ele foi deixando crescer os cinco anos que está aqui e atravessadores vêm toda semana perguntar se não quer vender (assumi que qualquer dia vai precisar vender alguns). Falou que os eucaliptos barram o vento e hoje estão com maior valor no mercado, além do valor de proteção para as construções no lote. (...)

Inventário do lote: salsa, cebolinha, almeirão, rúcula, 300 pés de mamão, milho, mandioca, abóbora, 2 mil entre pés e mudas de café, cavalos, cabras, vacas (e o Diamante – touro reprodutor). Está atualmente vendendo as hortaliças 3 vezes por semana para um amigo dono de supermercado na Vila Xavier. Tem muito leite na geladeira deles, que fez questão de dar 2 litros para nós e mostrar a geladeira cheia (não queria deixar de jeito nenhum eu pagar). (...)

Ele não cansa de falar que trabalha o dia todo, sem parar e que para conseguir viver da terra tem que ser assim "não pode ficar parado". Ainda mais que são só ele e o tio (o filho Eduardo já ajuda – enquanto andávamos pelo lote ele ia marcando as casas de formigas com um toco para o pai jogar veneno depois). Sr. Agrício destocou sozinho com um ferro vários tocos de eucalipto que ficaram no seu lote e pretende vendê-los para olaria (os tocos ficam fundo e devem pesar uns 500 kg). (...)

Falou que um dia quer ter um "zoológico" de animais diversos e que tem tanto mamão nos pés, que muitos ficam lá: "alguns eu deixo lá para os passarinhos. O passarinho é gente boa, n/é?". O esterco das cabras e vacas é o adubo dele. (...)

Combinou conosco para voltarmos lá no sábado seguinte, para almoçarmos, e pediu também para pesquisarmos algumas coisas na internet: sobre plantação química e orgânica de maracujá, mamão, chuchu e horta. Pudemos observar que através de nós ele depositou uma esperança de buscar para ele informações que possam contribuir com as atuais e as novas estratégias produtivas. (Caderno de Campo, dia 14/06/2002).

No sábado seguinte, nosso grupo de pesquisadores voltou lá para o almoço:

Dna. Adriana preparou almoço para um batalhão e estava tudo muito gostoso. Tinha arroz, feijão, creme de milho e frango frito (foi o meu primeiro prato), ainda tinha macarrão à bolonhesa, maionese e pão caseiro (meu

segundo prato). Todo mundo "encheu a cara" de comida e para a sobremesa tinha pudim de leite. O feijão, o milho, algumas coisas da maionese, pão e o pudim de leite eram coisas que são do próprio lote deles (tinha também uma pimenta dedo-de-moça muito boa). O arroz e o frango (caipira) haviam sido comprados de outros assentados. Poucas coisas foram compradas fora para a preparação desse almoço (na verdade, nós levamos refrigerantes, conforme havíamos insistido na semana anterior). Nossa atenção com a comida foi tanta que nem sei quanto tempo ficamos à mesa, com eles contando várias histórias engraçadas. (Caderno de campo, 22/06/2002).

No ano de 2009, quando foi feita nova visita a ele, seu filho já havia crescido e deixado o lote para fazer curso técnico em Franca/SP¹⁷. Também não houve informações sobre o tio que o ajudava no trabalho agrícola e a esposa fica mais na cidade de Matão/SP, pois trabalha por lá como faxineira, mora com familiares e só vem ao sítio aos finais de semana ficar com o marido (mas continua a fazer queijos com o leite proveniente do lote). Na visita ao lote para ver seus desenhos (é digno de registro) ficamos sabendo que agora ele está trabalhando como diarista no lote de outro assentado e seu lote está bem parado em termos de produção agrícola. Mesmo assim, em nossa visita fez questão de nos dar vários pés de rúcula e alface colhidos na hora, bem como um saquinho cheio de pimenta comari que colhemos juntos: ele falou que esta pimenta é muito ardida, mas muito especial, porque só o passarinho consegue plantá-la. Relatou que todas as vezes que tentou plantá-la a partir de suas sementes, o pé não cresceu. Mas de repente aparecem uns pés da pimenta no lote, como se fosse um trabalho invisível (não para o assentado), plantados por algum passarinho "gente boa". E ficam carregados de frutos.

Os Fios da Metodologia Escolhida

O informante-chave talvez tenha sido a escolha mais cuidadosa que tive que fazer. Trata-se do Sr. Sidnei Bellintani, um assentado que conheci em idas a campo junto com o pesquisador Luís Antonio Barone, que visitávamos com certa regularidade na época (nos anos de 2001 e 2002) porque ele era uma das

¹⁷Apenas porque o filho se formou técnico agrícola é que ele teve acesso ao mapa do lote.

lideranças dentre os assentados em torno da proposta de se plantar cana em parceria com usina canaveira¹⁸. Passávamos em seu lote (bem como em outros) para saber como andava a proposta, que enfim foi regularizada pela Fundação Itesp em 2002 (Portaria 075) e revogada em 2004 (Portaria 077). Ao passo que ele foi uma das lideranças para a "conquista" da cana, foi o primeiro e único assentado até agora que rompeu o contrato antes mesmo do término (ele saiu durante a segunda safra e o contrato era de cinco safras).

Durante nossas visitas ali, sempre sobrava tempo para outros assuntos, principalmente meio ambiente. Trata-se de um assentado com forte discurso ambiental, sempre preocupado com tais questões dentro e fora do assentamento, nos mostrando o que ele faz no intuito de preservar o meio ambiente ali em seu lote. Inclusive ele diz que começou a discordar da parceria da cana por questões ambientais, porque estava certo de conseguir que a cana do assentamento não fosse queimada, sendo que nos contratos isto constou apenas como recomendação. Ele já participou de cursos oferecidos por instituições como a CATI (Coordenadoria de Assistência Técnica Integral), nesta temática ambiental, assim como de audiências públicas na Câmara Municipal voltadas à discussão das queimadas e dos impactos sócio-ambientais da cana.

Em uma ida em seu lote (em 14 de setembro de 2002) ele se alegrou em nos mostrar o plantio de várias mudas de árvores de grande porte, a maioria nativa da região, plantadas na antiga estrada de acesso ao lote dele. Ocorre que antes desta data, se chegava ao lote por uma estrada que passa pela parte de baixo (o lote tem leve declive) e que fazia divisa com uma mata ciliar. Perto dela, ao lado da mata nativa, corre um rio do qual esse assentado e outros puxam água para seus lotes. Disse que de madrugada vinham caçadores por esta estrada atrás de animais nativos que habitam a área, como o lobo-guará, onça, cachorro do mato, veado, pássaros, dentre outros. Então, ele e os assentados que moram ali reivindicaram junto ao Itesp que a estrada fosse desativada, para que não passassem mais caçadores e também para proteger as cabeceiras, evitando o assoreamento do rio. Alegaram que os veículos que passavam por ali, aos poucos, iam empurrando terra para o rio. Conseguida a desativação, os assentados ganharam 2.500 mudas de árvores para plantar na área da antiga estrada e, na ocasião, esse assentado declarou que ia plantar muitas outras, reflorestar toda a

¹⁸O sr. Bellintani afirmava ser um dos pais da proposta.

área. Por fim, nos explicou que na altura de seu lote quem fez o plantio foi a família toda: ele, a esposa e os filhos. Suas netas ajudaram "brincando" no serviço: uma passava jogando calcário e a outra adubo ao redor das mudas recém-plantadas. Em outras idas a campo, nosso informante-chave disse que já foi caçador de passarinhos, declara-se como uma pessoa que já "devastou" muito a natureza e que agora é defensor da natureza.

Outro ponto favorável a esse assentado foi o fato de que em sua origem era sitiante nesta região. Declarou que tinha uma alimentação e conseqüentemente uma construção de sistema agrícola bem típica do caipira paulista. Passou por todo o processo de proletarização, saindo do sítio e indo trabalhar em diversas atividades na cidade. Voltando à terra, no assentamento procurou pela construção do espaço como antes quando sitiante, embora também tenha acabado plantando cana agroindustrial em seu lote.

Conforme Whitaker (2003, p.275), a partir de estudo de caso com um único informante pode-se "separar alguns fios", dos múltiplos existentes, daquilo que liga o indivíduo ao ambiente e à sociedade. No caso de famílias assentadas, conforme a autora, trata-se de um grupo com subjetividade bem específica, em razão de todo seu movimento de lutas pela terra e do momento histórico vivido. Com isso, usando a história de vida do mesmo assentado com o qual trabalhamos, a autora coloca em relevo que ele possui consciência aguda acerca da necessidade de preservação de seu *habitat* e que possui um manejo do meio ambiente para tanto.

Portanto, além do assentado ser interessante por causa de suas práticas ambientais e tradicionais, ele foi importante por demonstrar a necessidade de uma alternativa à cana. Na verdade, ele achou que seria a cana, mas depois descobriu que ela também traria muitos pontos negativos para o assentamento. Ele achava que a cana seria uma forma dos assentados adquirirem a necessária renda monetária em uma parcela do lote, mas de forma a possibilitar que a agricultura familiar continuasse em outras parcelas. Em seu lote isto estava acontecendo, só que com o resultado financeiro negativo da primeira colheita e a necessidade de investir todos os seus recursos para a continuidade do cultivo de cana, preferiu lutar para quebrar o contrato a deixar que seu sítio quebrasse por causa da cana. As práticas do processo produtivo empregadas em seu lote passaram a negar a possibilidade de coexistência de duas lógicas produtivas tão diferentes no mesmo lote agrícola, pois para ele a lógica agroindustrial/empresarial suprime a agricultura familiar com venenos.

Em seus desenhos nem quis retratar a presença da cana agroindustrial, mesmo porque passou apenas dois anos com ela (ele deixou a parceria, rompendo seu

contrato, quando a cana estava chegando quase no segundo corte, então soltou suas vacas no canavial). Dentre os motivos que o levaram a tomar esta atitude, disse que funcionários da usina estavam fazendo serviços mal feitos em seu lote, calculando errado sua produtividade, as queimadas e os insumos químicos (inclusive aqueles despejados por avião) incomodavam sua consciência e prejudicavam outros cultivos e criações em seu lote¹⁹, haviam turmas de trabalho que contribuíram para fragmentar a sociabilidade dos assentados (porque passou a haver disputas para o corte da cana em cada lote) e alguns assentados estavam se acomodando com a cana e deixando de praticar a agricultura familiar. Ou seja, estava gerando problemas ambientais e sociais no assentamento²⁰.

As indicações de outros assentados que ele me deu foram no sentido de indicar assentados com este perfil de agricultura familiar, no entanto, teria que indicar assentados que plantam cana. Desta forma, assume-se desde já que no assentamento Monte Alegre existem outros perfis de assentados não tão identificados com práticas agrícolas de autoconsumo e de agricultor familiar, algo próprio da complexidade existente no assentamento²¹. Então, a formação desta amostragem também teve intenção de captar algo sobre a convivência destas duas lógicas produtivas nos lotes, como que uma imposição da atividade agrícola moderna para a agricultura familiar. Assim, um dos objetivos específicos desse estudo foi detectar alguns aspectos da sobrevivência do autoconsumo como estratégia de diversificação agrícola, que pode potencializar ou limitar a reprodução social do grupo no longo prazo.

¹⁹O assentado relatou que funcionários da usina fizeram testes com um pré-emergente (insumo químico que inibe a germinação de plantas espontâneas) nos lotes do assentamento e que após a aplicação não era pra ninguém da família ir ao canavial, nem era pra deixar animais irem até lá. Depois de uma semana teve uma vaca no seu lote que abortou e ele disse que a vaca não chegou nem perto do canavial. Ele acredita que a contaminação se deu através do vento.

²⁰A investigação desta parceria envolvendo plantio de cana agroindustrial nos assentamentos de Araraquara tem demonstrado de várias maneiras uma assimetria de informações entre os "parceiros", os assentados e os usineiros (BARONE et al., 2008, FERRANTE et al, 2009).

²¹Por exemplo, em Ferrante (2007a) foram identificados diferentes perfis como: assentados que só plantam cana, que plantam cana e outras coisas, assentados que não plantam cana e diversificam o lote, que recebem apenas aposentadorias, que trabalham fora em atividades não-agrícolas, dentre outros.

Segundo Bourdieu (1989), podemos dizer que tudo aquilo que não é quantificável, tem seus custos subestimados. Isto pode ser entendido tanto em relação ao que significa a produção de autoconsumo, como pelo papel reprodutivo desempenhado pela mulher, o que vem sendo melhor explorado em nosso ciclo de pesquisas voltadas aos assentamentos²². Por esse motivo, também, fazemos a opção por uma metodologia que procura apreender os meandros dos processos investigados, acreditando ser necessário explorar o incomensurável quantitativamente.

Conclusões

A opção por essa metodologia permitiu desvendar invisibilidades acerca do autoconsumo, tais como o trabalho das mulheres, a importância do autoconsumo para a segurança e soberania alimentar das famílias, o resgate de conhecimentos tradicionais na agricultura e na culinária, seu importante papel para a maior diversificação dos lotes, além de mostrar a necessidade de compreender os assentamentos rurais por meio da noção de reconstrução de modos de vida.

Se a metodologia comumente possibilita a quantificação, a construção de indicadores sobre produtividade e rentabilidade, a análise dos múltiplos aspectos do autoconsumo não tem sido penetrados. É esta opção – importante em minha avaliação – que levou muitos pesquisadores a abolir o autoconsumo do estudo da renda, embora seja um de seus componentes (principalmente na agricultura familiar, seja assentamento ou não).

A metodologia apresentada nesse artigo aponta para a flexibilização necessária para a investigação do tema do autoconsumo na agricultura familiar. Mostrou-se igualmente importante a associação de dados advindos da aplicação de questionários, de caráter mais quantitativos, com outros advindos da observação direta e detalhados, inclusive com a persistência na aquisição de material fornecido pelos assentados. Isso respondeu a melhor compreensão do problema por

²²Três projetos no âmbito do Nupedor priorizam uma discussão das relações de gênero nos assentamentos rurais: Relações de Gênero e Iniciativas de Outro Modelo de Desenvolvimento: análise da participação das mulheres em assentamentos rurais (CNPq, 2009-2010); Os Assentamentos Rurais Sob a Perspectiva de Gênero: divisão sexual do trabalho e políticas públicas em análise (CNPq, 2011-Atual); Capacitação em Gênero e Inserção no Atendimento em Rede às Mulheres em Situação de Violência (Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2010-Atual).

abranjer duas dimensões do mesmo problema: o mais geral e o específico, no sentido que o segundo qualifica o primeiro.

As técnicas de pesquisa priorizadas deram conta de uma análise integrada de vários aspectos do autoconsumo. Desde os dados mais gerais representativos estatisticamente sobre a produção de autoconsumo, como aqueles que possibilitaram contrapor a fala dos assentados com a observação direta (na qual há complementaridade), até os materiais coletados junto às famílias que trouxeram informações sobre a comida do cotidiano e a comida de final de semana ou como ocorre a organização do espaço para sua consecução. Foi esta a plataforma de dados que permitiu uma análise da organização social das famílias, suas estratégias de uso da terra e o prato de comida a mesa, por meio de um estudo que teve a cultura como mediadora dessas relações.

Referências

ANTUNIASSI, M.H.R.; AUBRÉE, M.; CHONCHOL, M.E.F. De sitiante a assentado: trajetórias e estratégias de famílias rurais. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v.7, n.3, Fundação Seade, 1993.

BARAONA, R. Un Campesino por Dentro. **Conferência de abertura do IV Congresso Latino-Americano de Sociologia Rural**, Concepcion, Chile, dezembro, 1994. (Mimeo).

BARONE, L.A. **Revolta, Conquista e Solidariedade**: a economia moral dos trabalhadores rurais em três tempos. 1996. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, FCL, Unesp, Araraquara, 1996.

BARONE, L.A. **Conflito e Cooperação**: o jogo das racionalidades sociais e o campo político num assentamento de Reforma Agrária. 2002. Tese (Doutorado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, FCL, Unesp, Araraquara, 2002.

BARONE, L.A.; FERRANTE, V.L.S.B.; BERGAMASCO, S.M.P.P. "Os parceiros da cana". Dilemas do desenvolvimento dos assentamentos rurais em São Paulo frente à produção agrícola para o etanol. 32º Encontro Anual da ANPOCS, 2008, Caxambu/MG. In: **Anais...**, Caxambu, 27 a 31 de outubro de 2008.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Difel, 1989.

BRANDÃO, C.R. **Plantar, Colher, Comer**. Rio de Janeiro: Graal, 1981.

BRANDÃO, C.R. **Diário de Campo**. A Antropologia como alegoria. São Paulo: Brasiliense, 1982.

CÂNDIDO, A. **Os Parceiros do Rio Bonito**. Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meio de vida. 5ª Ed. São Paulo: Duas Cidades, 1979.

CRAMPTON, J.W.; KRYGIER, J. Uma introdução à cartografia crítica. In: ACSELRAD, H. **Cartografia Social e Território**. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 2008, p. 85-111.

DUVAL, H.C. **Práticas Agroecológicas em Terras de Assentamentos Rurais**. 2005. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais). Faculdade de Ciências e Letras, Unesp, Araraquara, 2005.

FERRANTE, V.L.S.B. A Proletarização não tem cartas marcadas: a terra no horizonte dos bóias-frias. **Revista Reforma Agrária**, Campinas, v.22, n.3, p.16-23, 1992.

FERRANTE, V.L.S.B. et al. Assentamentos rurais: um olhar sobre o difícil caminho de constituição de um novo modo de vida. **Retratos de Assentamentos**, Araraquara, n.1, Nupedor/Unesp, p.75-148, 1994.

FERRANTE, V.L.S.B.; BERGAMASCO, S.M.P.P. **Censo dos Assentamentos do Estado de São Paulo**. Araraquara: Unesp, 1995. 488 p.

FERRANTE, V.L.S.B.; WHITAKER, D.C.A. **Inserção de Assentamentos de Reforma Agrária às Economias Regionais**: indicadores de qualidade de vida e de integração ao meio ambiente. Araraquara e o Pontal de Paranapanema. Projeto de Pesquisa, Auxílio-Integrado, CNPq, 1999.

FERRANTE, V.L.S.B.; QUEDA, O. Prefácio. In: SANTOS, I.P. dos; FERRANTE, V.L.S.B. (Orgs.) **Da Terra Nua ao Prato Cheio**. Produção

para consumo familiar nos assentamentos rurais do Estado de São Paulo. Araraquara: Fundação Itesp/Uniara, 2003, p.15-20.

FERRANTE, V.L.S.B. (Org.) **Retratos de Assentamentos**, Araraquara, n.9, Nupedor/Uniara, 2004a.

FERRANTE, V.L.S.B. **Poder Local e Assentamentos Rurais**: expressões de conflito, de acomodação e de resistência. Projeto de Pesquisa, Bolsa Produtividade, CNPq, 2004b.

FERRANTE, V.L.S.B. **Poder Local e Assentamentos Rurais**: expressões de conflito, de acomodação e de resistência. Relatório Final de Bolsa Produtividade, CNPq, 2007a.

FERRANTE, V.L.S.B. **Assentamentos Rurais e Desenvolvimento**: tensões, bloqueios e perspectivas (uma análise comparativa em duas regiões do Estado de São Paulo). Projeto de Pesquisa, Bolsa Produtividade, CNPq, 2007b.

FERRANTE, V.L.S.B.; ALMEIDA, L.M. Assentamentos rurais como celeiros da cana: por onde caminha a reforma agrária? **Ruris**, Campinas, v.3, p.10-34, 2009.

FIAMENGUE, E.C. **Entre o Espaço Vivido e o Espaço Sonhado**: imagens da infância em um assentamento de trabalhadores rurais. 1997. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, FCL, Unesp, Araraquara, 1997.

FONSECA, C. **Família, Fofoca e Honra**. Etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2000.

FOX, J.; SURIANATA, K.; HERSHOK, P.; PRAMONO, A.H. O poder de mapear: efeitos paradoxais das tecnologias de informação espacial. In: ACSELRAD, H. **Cartografia Social e Território**. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 2008, p. 71-84.

GARCIA Jr., A.R. **Terra de Trabalho**. Trabalho familiar de pequenos

produtores. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GARCIA JR, A.R.; MEDEIROS, L.S. de; GRYSZPAN, M.; LEITE, S.P. (Coords.) **Assentamentos Rurais em Perspectiva Comparada**: uma análise das dimensões econômica, social, histórica e ambiental. Relatório Final, convênio REDES/Fundação Ford. Rio de Janeiro: CPDA-UFRRJ, CPDOC-FGV, CRBC-EHESS, UFF, 2003.

MALINOWSKI, B. **Um Diário no Sentido Estrito do Termo**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

NISHIKAWA, D.L.L. Diário de campo: o registro da reconstrução da natureza e da cultura. In: WHITAKER, D.C.A. **Sociologia Rural**. Questões metodológicas emergentes. Presidente Venceslau: Letras à Margem, 2002, p.135-142.

NISHIKAWA, D.L.L. **Levantamento das Práticas Agrícolas Sustentáveis no Assentamento da Fazenda Monte Alegre Região de Araraquara/SP**. 2004. Dissertação (Mestrado em Ciências da Engenharia Ambiental). Universidade de São Paulo, São Carlos, 2004.

SANTOS, M. **Técnica, Espaço, Tempo**. Globalização e meio técnico-científico informacional. 4. ed. Cap. 2 - A aceleração contemporânea: tempo-mundo e espaço-mundo. São Paulo: Hucitec, 1998, p. 29-39.

WHITAKER, D.C.A. **Sociologia Rural**. Questões metodológicas emergentes. Presidente Venceslau: Letras à Margem, 2002.

WHITAKER, D.C.A. A questão da diversidade em assentamentos de reforma agrária: Araraquara, SP. In: AUBRÉE, M.; BERGAMASCO, S.M.P.P.; FERRANTE, V.L.S.B. (Orgs.) **Dinâmica Familiar, Produtiva e Cultural nos Assentamentos Rurais de São Paulo**. Campinas: FEAGRI/ UNICAMP, 2003, p.275-294.